

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

NOTA TÉCNICA N ° 46/2015

PAAF n° 0024.11.003896-5

- I. **Assunto:** Analisar a proteção do patrimônio arqueológico supostamente localizado no Distrito de Chumbo, no município de Patos de Minas.
- II. **Municípios:** Patos de Minas
- III. **Localização:**

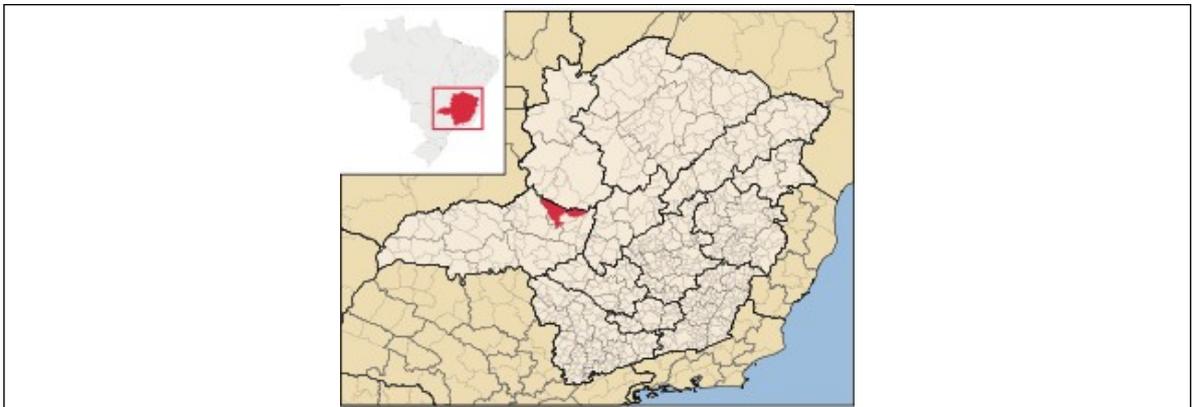


Figura 01 - Imagem contendo a localização dos municípios de Patos de Minas. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Patos_de_Minhas. Acesso 18-03-2015

IV. Descrição Histórica:

Breve histórico de Patos de Minas:¹

Os primeiros habitantes do território do atual município de Patos de Minas eram os índios Cataguás que dominaram a região até por volta de 1760. Escravos fugitivos das senzalas de Paracatu e de Goiás também habitaram a região.

A partir de 1770 iniciou-se a colonização efetiva do território, quando Afonso Manoel Pereira de Araújo tomou posse da vasta região que lhe fora concedida através da Carta de Sesmaria datada de 29 de maio de 1770:

Documento também ligado às origens da cidade e no qual se fez referência aos negros fugidos é a Carta de Sesmaria, de 29 de maio de 1770, que concedeu a Manoel Afonso Pereira, homem viandante do caminho do Rio de Janeiro, uma faixa de terra nos sertões das margens do rio chamado Paranaíba, terra de campos e matas devolutas servindo as mesmas de asilo aos negros fugidos dos moradores de Paracatu e Goiás.²

¹ CARVALHO, André. *Enciclopédia dos Municípios Mineiros*. Volume 2. Belo Horizonte: Armazém das Idéias, 1998.

² Site www.ibge.gov.br/cidades

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

A origem da denominação atual do município decorre da grande quantidade de patos existentes numa lagoa, próxima às margens do Rio Paranaíba. Tropeiros que percorriam a região utilizavam o local como pouso, devido à abundância da caça, cuja espécie figura no nome da localidade desde o período colonial.

Em 19 de julho de 1826, através de escritura particular, o proprietário Antônio da Silva Guerra e sua esposa Luísa Corrêa de Andrade, doaram uma gleba de terras na fazenda denominada “Os Patos” ao padroeiro Santo Antônio, para que fosse edificada uma capela a ele dedicada.

A construção da capela fez surgir ao seu redor um agrupamento de casas e em 1832 o povoado tornou-se distrito com a denominação de Santo Antônio dos Patos da Beira do Paranaíba.

Em 1850 foi criada a Paróquia de Santo Antônio dos Patos que em 1866 foi elevada à categoria de vila.

Através da Lei nº 23, de 24 de maio de 1892, todas as vilas-sede de Comarca foram elevadas à categoria de cidade, ficando a localidade denominada Patos.

O Decreto-Lei nº 1.058 de 31 de dezembro de 1943 alterou a denominação de Patos para Guaratinga. Porém, devido à grande insatisfação da população, em 1945 o município teve seu nome alterado para Patos de Minas.



Figura 02 e 03- Imagens antigas de Patos de Minas. Fonte: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/acidade/historia.php>. Acesso 18-03-2015.

Breve histórico da descoberta e exploração de Galena no sertão de Abaeté:³

O minério conhecido como galena era encontrado em dois locais no sertão do Abaeté: às margens do Ribeirão Galena e à margem direita do Rio São Francisco.

A descoberta dos primeiros vieiros de chumbo se deu por volta de 1800 pelos garimpeiros Manuel de Assunção Sarmento e Manuel Costa Batista que percorriam o sertão do Abaeté em busca de diamantes.

³ ESCHWEGE.W.L. VON. *Pluto Brasiliensis*. Tradução de Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 2, 1979.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Assunção viveu na região por alguns anos, mas posteriormente abandonou a região, que provavelmente não correspondeu às suas expectativas econômicas. Porém, mesmo abandonada por Assunção, a jazida adquiriu notoriedade. A notícia de sua descoberta já havia chegado a Portugal. Acreditava-se “que o chumbo cobria inteiramente toda uma montanha”.

Amostras do minério foram enviadas ao Ministro da Marinha e das Finanças de Portugal, D. Rodrigo de Souza Coutinho. Em 1806, estas amostras foram examinadas, no laboratório de Química de Coimbra, pelo engenheiro Wilhelm Ludwig von Eschwege, para verificar se continham prata.

Por volta de 1802, o governador das Minas Gerais enviou uma comissão com o objetivo de pesquisar os rios da região do Abaeté. O vieiro de galena também foi examinado por Dr. Couto, integrante desta comissão. José Soares Roma, antigo fornecedor de alimentos aos garimpeiros e conhecedor da região acompanhou a comissão.

Dr. Couto apresentou em 1808 ao príncipe-regente informações relativas ao vieiro de galena. O relatório do Dr. Couto “reduziu uma montanha de chumbo à simples proporção de um vieiro”.

Em 1810, a convite de D. João, W.L. von Eschwege chegou ao Brasil com a missão de realizar pesquisas mineralógicas que permitissem reativar o setor de mineração no país.

No ano seguinte, em 1811, Eschwege viajou para a região de Minas Gerais, onde estabeleceu residência em Vila Rica. Na Casa de Fundição desta localidade, realizou novos testes utilizando-se de pedaços de galena.

Para viabilizar a abertura do caminho que levasse ao vieiro do minério, o comandante do distrito diamantino do Indaiá enviou um soldado para acompanhar o octogenário José Soares Roma, residente no Abaeté e única pessoa que havia visitado diversas vezes o vieiro de chumbo. A missão incluía também a construção de ranchos ao longo do caminho e a remessa de certa quantidade de galena para avaliação técnica.

Na expedição, seguiram com Roma outros seis homens. O vieiro de chumbo encontrava-se à margem esquerda do Rio Abaeté, numa região de mata virgem, que dificultava, mesmo para o experiente Roma, a localização do Ribeirão Galena que cortava o vieiro.

A expedição prosseguiu pelos quatorze dias, para os quais havia sido inicialmente planejada. Ao final destes dias, seus integrantes viram esgotados os víveres e tiveram que retroceder em busca de novas provisões.

O reabastecimento da expedição foi garantido pelo comandante do Indaiá, José de Deus Lopes, que também agregou novos homens para a continuidade da viagem. Outros aventureiros, que desejavam viajar a região em busca de diamantes, se agregaram voluntariamente aos homens de Roma.

Prosseguindo a expedição, Roma resolveu subir pelo Ribeirão Galena, com alguns companheiros. Outros homens seguiram por terra. Apesar de inúmeras dificuldades, a expedição conseguiu entregar ao comandante do distrito diamantino a galena que foi remetida para análise de Eschwege em maio de 1812.

Os exploradores continuaram abrindo caminhos pelo sertão e construíram no local próximo ao vieiro de chumbo ranchos e canoas para dar suporte ao empreendimento.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Em junho de 1812, W.L. von Eschwege, acompanhado de seu irmão, de dois mineiros alemães, dois soldados de cavalaria e de uma equipe que conduzia as mulas e as bagagens, partiu rumo aos sertões do Abaeté.

Esta expedição percorreu um longo trajeto, marcado por muitas adversidades de ordem natural e material. Passou pela região do Rio Paraopeba, na qual foram encontradas muitas lavras de ouro abandonadas. Atravessou o Rio São Francisco até chegar o quartel general do distrito diamantino do Indaiá. Depois de alguns dias neste local para o abastecimento de víveres a expedição prosseguiu por mais quatro dias: inicialmente atingiu-se o vale do Rio Indaiá; no segundo dia, após a travessia do Ribeirão Borrachudo, chegou ao rancho do Jacu; na seqüência atingiram os ribeirões de Tiros do Inferno e o Rio Verra; parou-se para pouso às margens do Rio Fulda. No quarto dia, a expedição alcançou sua meta de chegada. Os viajantes alojaram-se num pequeno rancho construído às margens do Ribeirão da Galena.

O comandante, que acompanhou a expedição, partiu logo em seguida, para providenciar novas provisões.

O velho Roma chegou ao local do alojamento e para ele foi entregue, como recompensa por seus serviços, o comando dos escravos e da economia do empreendimento.

Para a fundação do estabelecimento, solicitou-se à Junta de Fazenda de Vila Rica a quantia de cinco mil cruzados para a fundação do estabelecimento, incluindo o valor de vinte escravos que já haviam sido solicitados por Eschwege. Assim, faltaram recursos para cobrir as despesas da fábrica, principalmente no que se refere à construção de fornos e maquinários para seu funcionamento.

Após quatorze dias, chegaram ao acampamento quinze escravos, alguns dos quais foram devolvidos aos seus donos, uma vez que eram velhos e doentes.

O velho Roma exercia funções diversas, tais como ferreiro, carpinteiro, alfaiate, sapateiro, dispenseiro e médico e farmacêutico para homens e animais.

Começaram os trabalhos de derrubada da mata dar lugar às plantações. Outras benfeitorias também foram construídas no acampamento, tais como ranchos mais sólidos, pousos mais elevados, cômodo seguro para conservação dos mantimentos e rancho próprio para dinamite necessária aos serviços.

Para facilitar a chegada de víveres, foi aberto um novo caminho à margem esquerda do Ribeirão da Galena. Este trabalho foi realizado por sete homens. Os demais permaneceram na jazida, explorando os vieiros.

O deslocamento pelo território foi permeado de dificuldades que envolviam desde escassez de alimentos até ataques de insetos. A prática de queimadas era uma ação bastante comum nos serviços e os sinais de fumaça acabaram atraindo novas pessoas para o grupo.

Foi construída uma canoa para o transporte dos mantimentos pelo rio. Através desta canoa se deu o retorno do grupo à jazida de galena, onde foram tomadas novas medidas antes do retorno de Eschwege a Vila Rica. Já havia decorrido cerca de quatro meses.

José Roma, o mestre mineiro alemão, dois soldados e nove escravos permaneceram na região. A colheita já conseguia garantir a alimentação de aproximadamente cinquenta homens na região.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Deste modo, Eschwege solicitou à Junta de Fazenda de Vila Rica o envio de mais trinta escravos para o empreendimento. Recebeu apenas dezoito, sendo duas mulheres e duas crianças.

Em julho de 1813, Eschwege dirigiu-se novamente à região da jazida com os escravos, que foram distribuídos em serviços diversos, como aprender a explodir dinamite e a exercer ofício de ferreiro ou carpinteiro.

Neste período, os ranchos foram ampliados. Novas construções foram executadas, como um grande paiol, dezesseis casinhas para os escravos e pontes de madeira sobre os córregos que atravessavam a estrada. Foram mais três meses de trabalho no local de onde, até então, haviam sido extraídas mais de 10 toneladas de galena pura (400 *centner*) para fundição.

A volta de Eschwege para Vila Rica ocorreu em outubro do mesmo ano. Em abril de 1814, viajou para o Rio de Janeiro, onde pretendia pleitear junto ao governo a vinda de mineiros e fundidores europeus. Porém, seu objetivo não foi alcançado.

Em setembro de 1814 ocorreu nova viagem à jazida, onde Eschwege percebeu algumas mudanças:

As plantações se haviam estendido, novos monjolos tinham sido construídos, assim como um grande edifício, onde seriam montados os fornos, e ao qual se acrescentaria uma olaria⁴.

No entanto, os trabalhos no vieiro ficavam cada vez mais difíceis, principalmente em função da infiltração de água, da dureza da rocha e falta de mão-de-obra. Eschwege solicitou ao governo que um fundidor alemão, que trabalhava na fábrica de Morro do Pilar, ficasse por algum tempo como seu ajudante, mas esta solicitação também foi recusada. Diante disso, os serviços foram paralisados e Eschwege revela-se profundamente decepcionado:

... Confesso logo que, como me recusassem igualmente o fundidor de ferro, por egoísmo não construí os fornos de fusão necessários e fiz cessar todos os serviços no de revérbero, cujos alicerces já havia preparado⁵.

Em 1816, Eschwege fez sua quarta viagem à mina de chumbo. Em julho de 1818, ano em que Roma falecera, fez a quinta viagem à região, transferindo a administração do empreendimento a um soldado que o acompanhara nos primeiros tempos de mineração.

Neste período, novas construções foram erguidas, como um segundo paiol, novas casas e alguns fornos para calcinação do minério. O córrego foi fechado por um alta represa. O gado e as plantações prosperavam. Eschwege afirma que “Como não podia fundir, queria ao menos oferecer ao governo os lucros de uma boa fazenda”⁶.

Após vários desentendimentos com o governo, sobretudo com a junta de Vila Rica, o Barão de Eschwege partiu do Brasil, no início de 1821. Segundo consta em seus relatos, o empreendimento foi abandonado:

⁴ Ibidem, p. 181.

⁵ Ibidem, p. 182.

⁶ Ibidem, p. 183.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

“... o número de escravos foi reduzido a um único, e o soldado, que deu baixa, ficou como guarda das casas vazias. Estas caíram, as plantações cobriram-se de mato, o gado desapareceu e em breve o próprio estabelecimento se transformou em um deserto”⁷.

Consta ainda do relato de Eschwege que o francês Monlevade teria se ocupado por algum tempo da região.

Sobre o minério, Eschwege relata que “foram extraídos alguns milhares de *centner* de galena pura, classificada e em parte britada”. Inicialmente, a extração ocorreu com relativa facilidade, tendo em vista que “o veio atravessa o ribeirão em ambas as margens” e “nestas margens a água escavou o calcáreo em torno da galena”⁸.

No entanto, posteriormente os trabalhos tornaram-se mais complexos. Chegaram a ser abertas pequenas galerias de pesquisa em ambas as margens do ribeirão. Segundo Eschwege:

“Para alcançar, porém, maior profundidade, seria necessário não só desviar o Ribeirão da Galena e dar-lhe um a outra direção, pelo menos na estação seca, mas também, montar dispendiosas máquinas para bombear a água, que, no tempo das chuvas, penetra no vale por todos os lados, inundando completamente as minas”⁹.

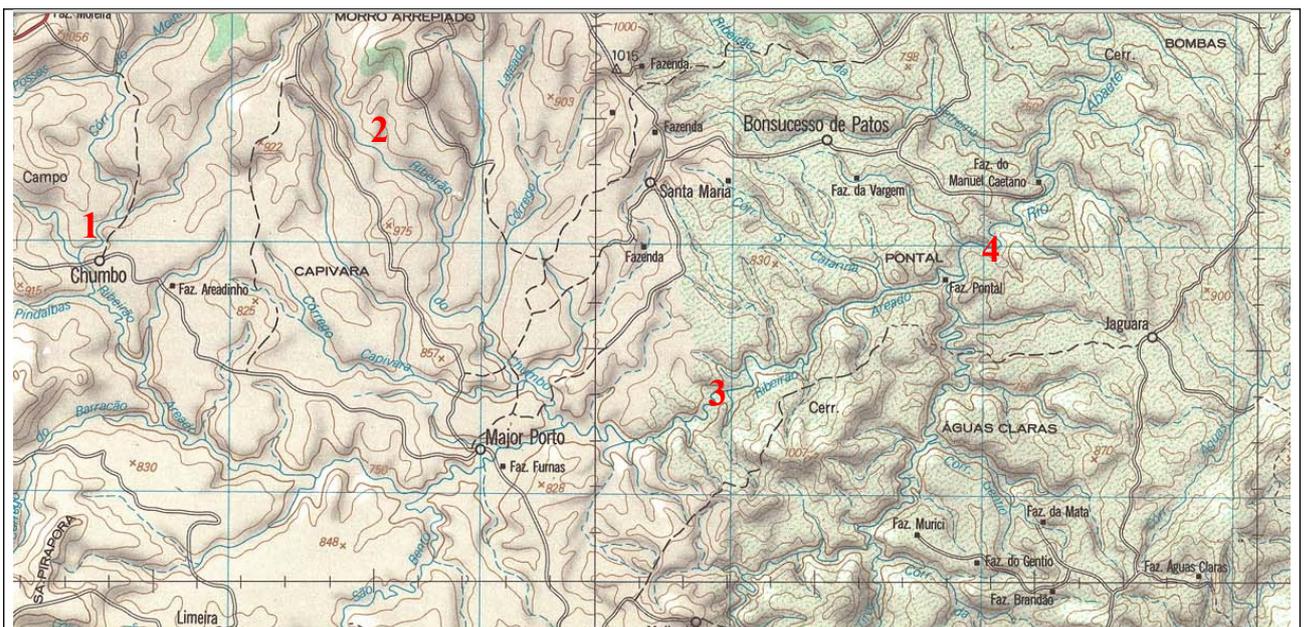


Figura 04 – Trecho de mapa do município de Três Marias, onde foi assinalado o Distrito de Chumbo e alguns rios e córregos citados por Eschwege (1- Distrito de Chumbo, 2- Ribeirão do Chumbo, 3- Ribeirão do Areado e 4- Rio Abaeté). Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/mapas/GEBIS%20-%20RJ/SE-23-Y-B.jpg>. Acesso 28-04-2015.

V. Análise da documentação:

⁷ Ibidem, p. 183.

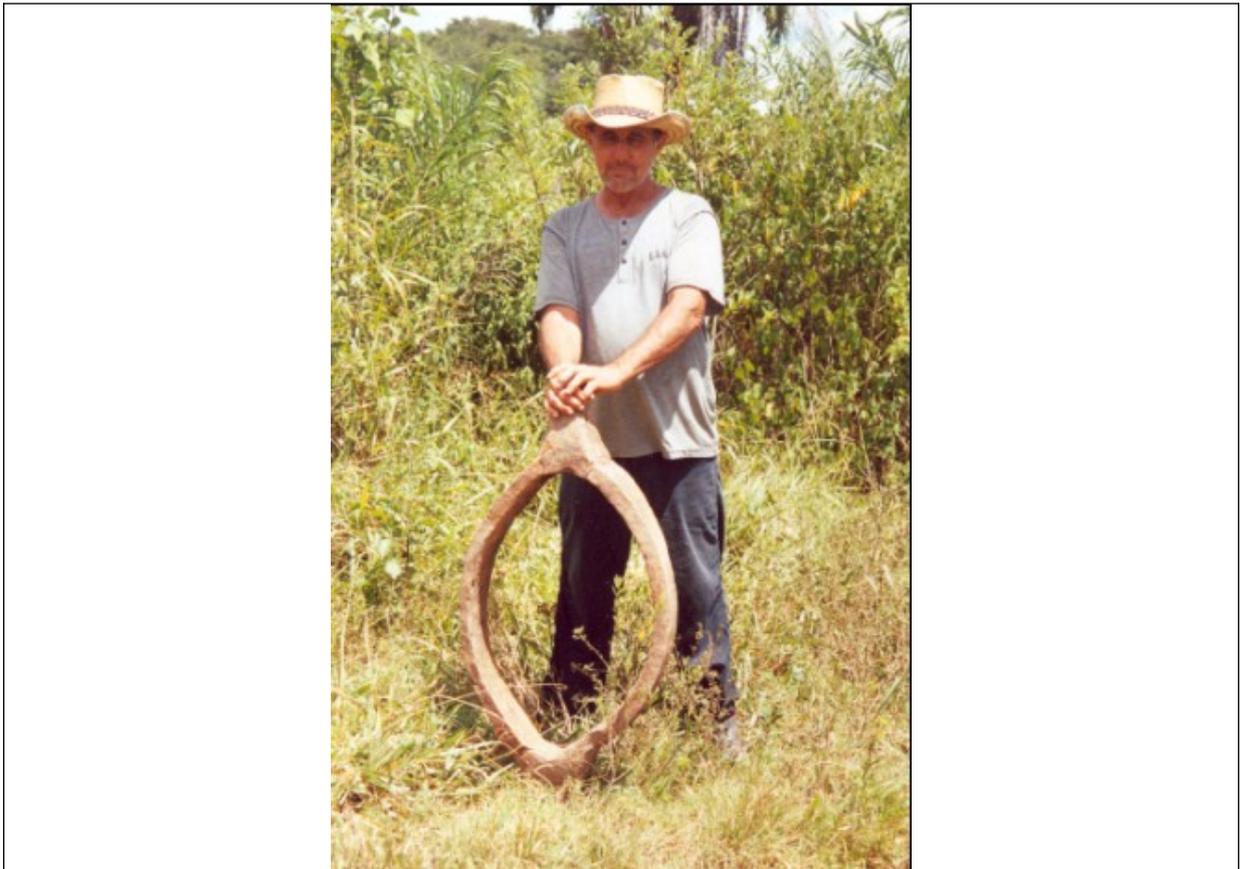
⁸ Ibidem, p. 185.

⁹ Ibidem, p.186.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Em junho de 2011 foram encaminhadas a esta Promotoria várias fotografias, feitas pela Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural da Prefeitura de Patos de Minas, da área onde teria funcionado a antiga fábrica de fundição de Galena. Destaca-se nestas fotografias uma peça que teria sido utilizada na antiga metalúrgica.



Figuras 05, 06 e 07- Peça encontrada na região onde teria funcionado a antiga fábrica de fundição. Foto constante dos autos.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

No dia 04 de julho de 2011, foi realizada uma vistoria no local onde teria funcionado a fundição. Participaram desta vistoria o Promotor de Justiça Dr. José Carlos de Oliveira Campos Júnior, o arquiteto Alex de Castro Borges, dois militares da Polícia Militar de Meio Ambiente e o engenheiro florestal, Leandro Lima de Sousa, analista do Ministério Público e responsável pela elaboração do Laudo Técnico juntado aos autos.

A vistoria foi realizada na propriedade denominada Fazenda da Fábrica, situada na região do Distrito de Chumbo, área rural de Patos de Minas. Segundo informações orais, teria funcionado na localidade uma fundição durante o século XIX. No entanto, poucos vestígios desta atividade foram identificados na vistoria, sendo a peça acima mencionada o principal deles.

De acordo com o Laudo Técnico elaborado pelo analista do MP, foram identificados três pontos de interesse arqueológico na propriedade: antiga fábrica, jazida e estrada que as interligava. Estes pontos foram listados, com suas respectivas coordenadas. Em anexo ao laudo, foram inseridas imagens contendo o trajeto realizado pelo veículo de Patos de Minas até referidos pontos de interesse. Fotografias produzidas na data da vistoria também foram encaminhadas a esta Promotoria.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Em maio de 2014, o Setor Técnico desta Promotoria realizou contato telefônico com o arquiteto Alex de Castro Borges que acompanhou a vistoria realizada na área em 2011. Referido arquiteto informou que a peça encontrada estava exposta temporariamente no Museu de Patos de Minas, durante a Semana de Museus. A peça em questão encontra-se nas mãos de um particular e ainda não havia sido inventariada pelo município.

Alex Borges informou também que no local vistoriado existe muito mato e poucos vestígios que se remeteriam à antiga fábrica, tais como fragmentos de metais espalhados pelo chão e presença de cortes na paisagem.

A partir destes dados iniciais e da literatura produzida pelo Barão de Eschwege, esta Promotoria empreendeu uma busca por documentação histórica que pudesse trazer mais informações sobre o empreendimento minerário de Galena. A Fundação Biblioteca Nacional nos enviou cópia de manuscritos que comprovam a existência da Mina de Galena. Merece ser destacado o ofício enviado pelo Barão de Eschwege a Vossa Alteza Real, sollicitando ajuda financeira para as despesas da Mina do Abaithé. Este documento é datado de 27 de junho de 1812 e segue acompanhado de uma lista de remédios necessários na Fábrica do Indayá.

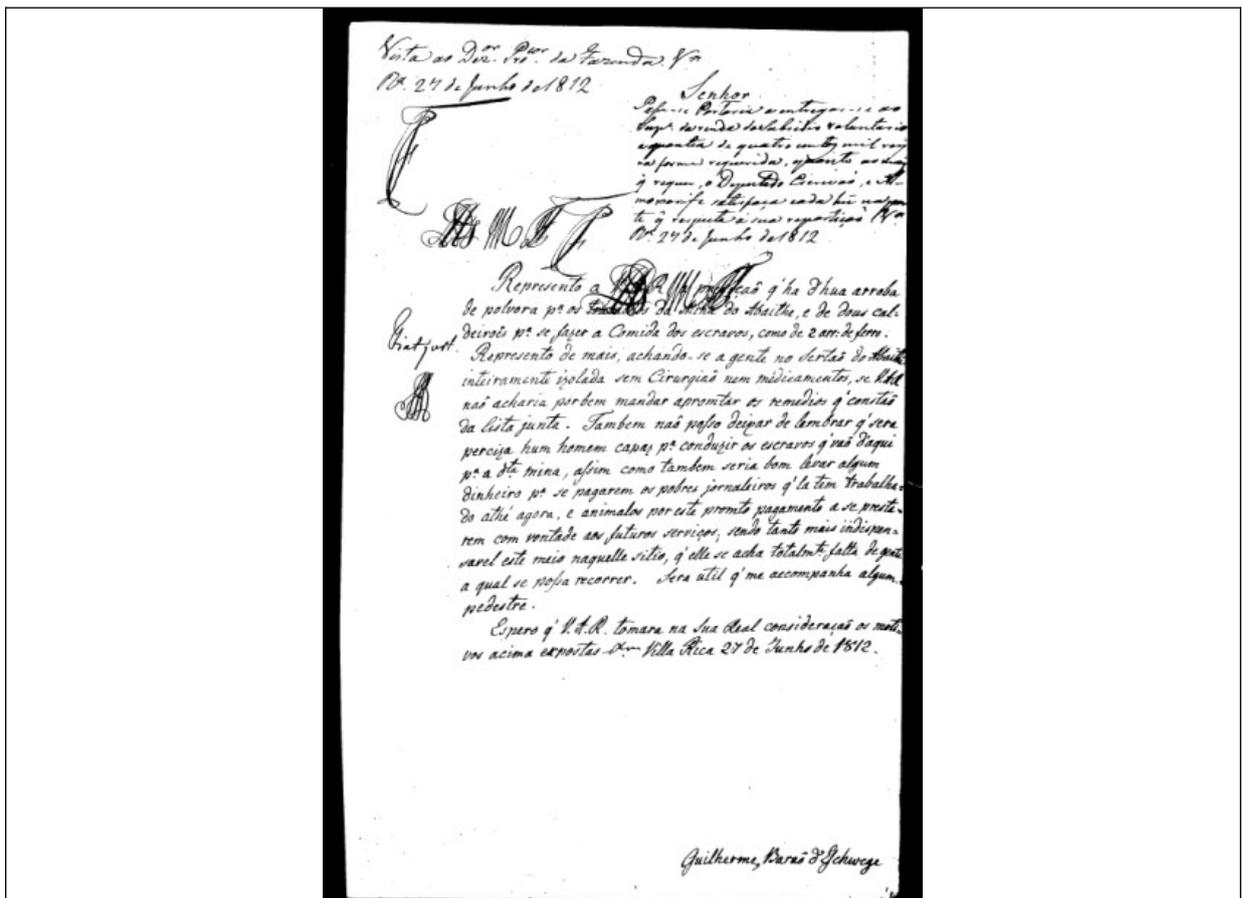


Figura 11- Documento do Barão de Eschwege, sollicitando ajuda financeira para as despesas da Mina do Abaithé. Datado de 27 de junho de 1812. Fonte : CD encaminhado pela Biblioteca Nacional, juntado aos autos.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Outro documento que merece destaque se refere a uma ordem do Real Erário para que o tesoureiro José da Costa Ferrão entregasse ao Barão de Eschwege uma quantia em dinheiro para suprir despesas dos trabalhos na Mina do Abaeté. Este documento também data de 27 de junho de 1812.

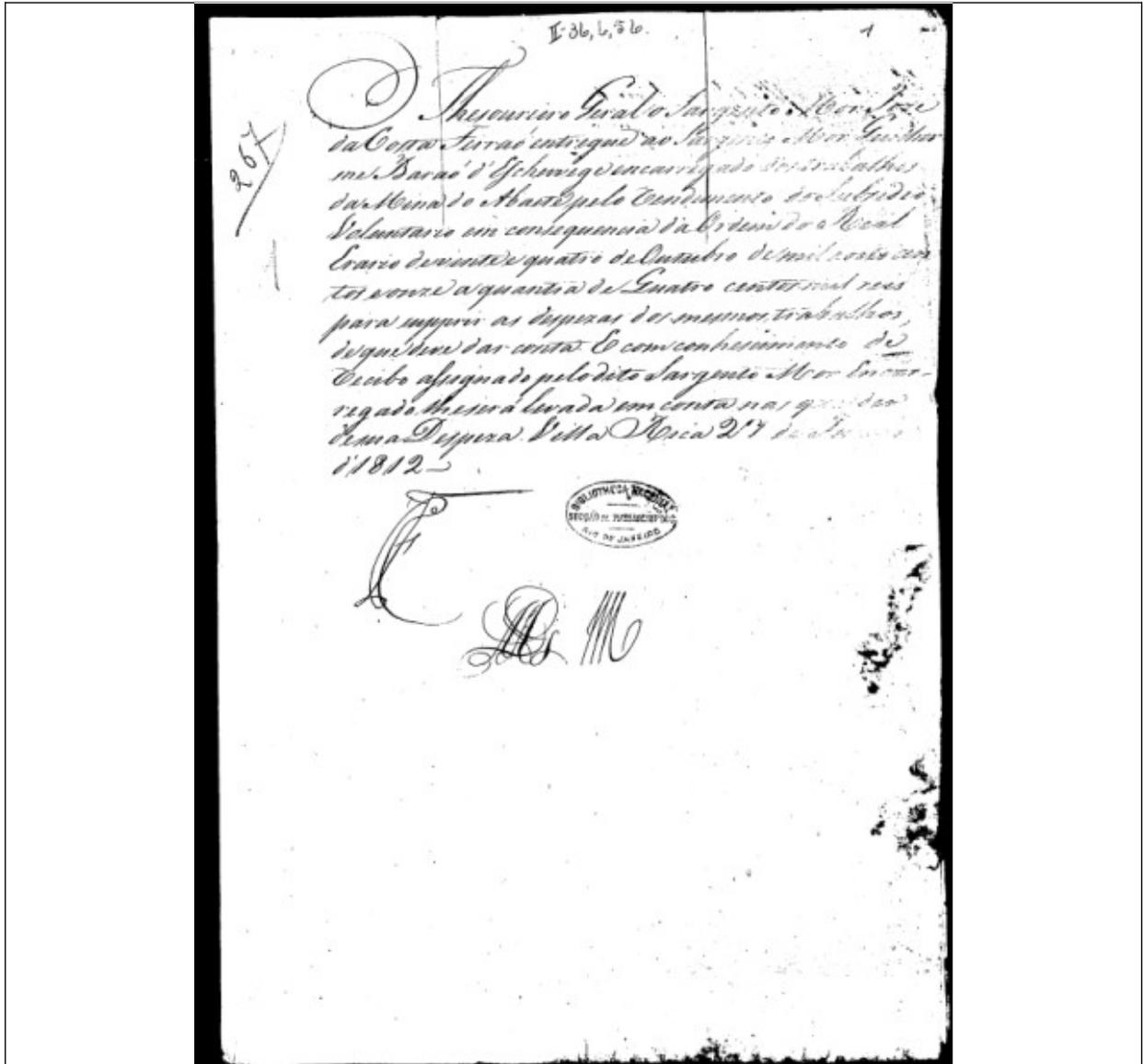


Figura 12- Documento relativa à ajuda financeira para suprir as despesas da Mina do Abaithé. Datado de 27 de junho de 1812. Fonte : CD encaminhado pela Biblioteca nacional que se encontra juntado aos autos.

Cópias de outros manuscritos, enviados pela Biblioteca Nacional, também mencionam Eschewege e a extração do chumbo e prata de Galena.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Esta Promotoria pesquisou ainda junto ao Arquivo Público Mineiro documentos que tratam da Mina de Galena. Foi levantada documentação do período de 1814/ 1816 relativa ao Barão de Eschwege. Merece ser destacada uma relação de escravos que prestaram serviços nos domingos e dias santos na Mina de Galena. Outros documentos se referem à compra de gêneros e suprimentos para a Real Mina de Galena.

SECRETARIA DE GOVERNO DA CAPITANIA	
FUNDO	SECRETARIA DE GOVERNO DA CAPITANIA (SEÇÃO COLONIAL)
TÍTULO	PRESTAÇÃO DE CONTAS QUE FAZ FRANCISCO JOSÉ DE LIMA COM TODOS OS RECIBOS DE PAGAMENTOS QUE FEZ AO BARÃO DE ESCHWEGE DAS DESPESAS COM OS ESCRAVOS, SERVIÇOS DE TERCEIROS, VENDA DE PRODUTOS PRODUZIDOS EM SUAS TERRAS E MINAS, ETC
NOTAÇÃO ATUAL	SG-CX.92-DOC.66
DATA	1814 - 1816 (1)
ASSUNTO	PRESTAÇÃO DE CONTAS; RECEITAS E DESPESAS; MINA DA GALENA; QUARTEL GERAL DO INDAIÁ.
LOCAL	MINA DA GALENA; QUARTEL GERAL DO INDAIÁ
NOMES	BARÃO DE ESCHWEGE; FRANCISCO JOSÉ DE LIMA

Figura 13- Ficha descritiva de documentos relativos a Mina de Galena Fonte : <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=1242>. Acesso 25-05-2014.

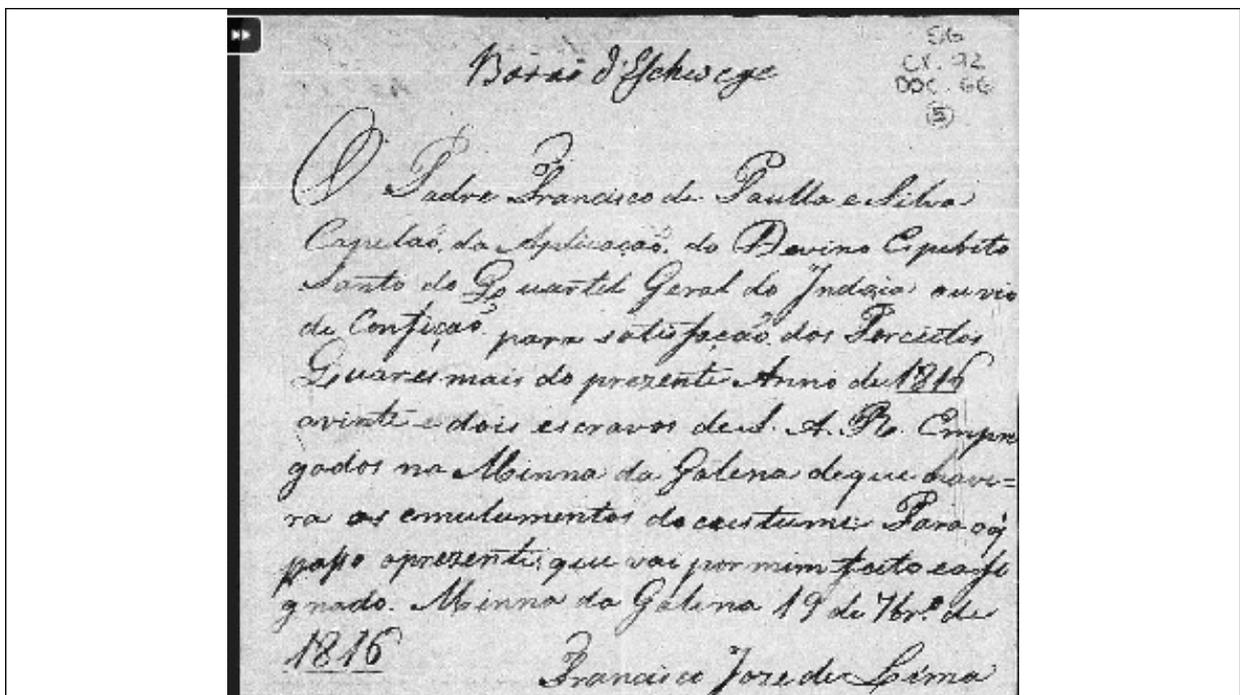


Figura 14- Trecho de documento que menciona a presença de escravos na Mina de Galena no ano de 1814. Fonte: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=1242>. Acesso 25-05-2014.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

O cruzamento de dados desta documentação histórica levantada com os relatos deixados pelo Barão de Eschwege permite concluir que foi estruturado um empreendimento minerário de significativas proporções, na região dos sertões do Abaeté. Há, portanto, grande possibilidade da existência de vestígios arqueológicos remanescentes deste empreendimento na paisagem local.

VII- Conclusões:

A documentação histórica levantada junto à Fundação Biblioteca Nacional e ao Arquivo Público Mineiro não deixa dúvidas quanto à atuação do Barão de Eschwege na estruturação de um empreendimento minerário na região dos sertões do Abaeté. Os relatos produzidos pelo Barão de Eschwege também se constituem em valiosas fontes históricas, na medida em que descrevem, com grande riqueza de detalhes, a fundação do empreendimento, com a introdução de plantações, a construção de ranchos, paiol, fornos e outras estruturas necessárias ao seu funcionamento. Os relatos de Eschwege fornecem ainda importantes informações sobre a dinâmica dos trabalhos desenvolvidos e o cotidiano das primeiras expedições que se dirigiram à região.

Neste sentido, a peça de metal encontrada em Patos de Minas pode estar relacionada ao contexto de funcionamento do empreendimento comandado por Eschwege na região. Entretanto, somente com acesso e análise técnica detida e especializada da peça poder-se-á confirmar a natureza arqueológica do bem.

Portanto, sugere-se o levantamento histórico-bibliográfico aprofundado sobre a Mina de Galena dos sertões do Abaeté e a realização de prospecção arqueológica, através de uma equipe técnica com experiência em Arqueologia Histórica, na suposta área de funcionamento da antiga fundição, com o objetivo de identificar estruturas remanescentes do antigo empreendimento, para uma posterior delimitação e proteção do sítio arqueológico. Sugere-se ainda que a peça de metal, supostamente associada ao empreendimento minerário, seja inventariada pelo município de Patos de Minas.

Para realização das investigações arqueológicas, sugere-se que o município de Patos de Minas celebre convênio com o Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG, coordenado pelo Prof. Carlos Magno Guimarães (31- 3409- 5062/ arq@fafich.ufmg.br) .

São essas as considerações desta Promotoria, que se coloca à disposição para o que mais se fizer necessário.

Belo Horizonte, 11 de maio de 2015.

Neise Mendes Duarte
Analista do Ministério Público – Historiadora – MAMP 5011